

QUANDO O ESTILO É DE MORTE E OS GOSTOS SÃO POR TÚMULOS

Roberto Barreto Marques⁹

RESUMO

O presente artigo analisa os túmulos de um cemitério do Recife sob o aparato conceitual do sociólogo Pierre Bourdieu, considerando-os ícones simbólicos de distinção social de diferentes elites que viveram e morreram na capital pernambucana entre os anos de 1854 e 1930. Portanto quebra uma premissa popular corriqueira e simples que defende uma igualdade após a morte ao argumentar que, mesmo no derradeiro momento existencial, há uma busca por perenidade intimamente ligada com os estilos de vida do morto e família.

Palavras-chave: Túmulos; Estilos de vida; Distinção; Gosto; Morte.

9 Graduação em Ciências Sociais (UFRPE), Mestre em antropologia (UFPE) e doutorando em antropologia (UFPE). Atualmente estuda a sociabilidade entre mortos e vivos no município de Floresta - PE

WHEN THE STYLE IS DEATH AND THE TASTES ARE FOR TOMBS

ABSTRACT

The present article analyzes the tombs of a Recife cemetery under the conceptual apparatus of the sociologist Pierre Bourdieu, considering them symbolic icons of social distinction of different elites that lived and died in the capital of Pernambuco between the years of 1854 and 1930. Therefore it breaks a premise common and simple popular that defends an equality after death in arguing that, even in the last existential moment, there is a search for perennality closely linked with the lifestyles of the deceased and family.

Keywords: Tombs; Life Styles; Distinction; Like; Death.

Introdução

Pois então podem contá-lo a mim. Eu serei discreto como um túmulo.

Aires sabia que os túmulos não são discretos. Se não dizem nada, é porque diriam sempre a mesma história; daí a fama de discrição. Não é virtude, é falta de novidade (conselheiro Aires, personagem da obra Esaú e Jacó, de Machado de Assis).

Hábitos saudáveis, costumes sedentários, idas frequentes a museus e teatros; compras profusas de literatura; leituras e coleções de quadri-nhos; participação em leilões de antiguidade, grande apreço por música

clássica e grande capacidade em tocar piano e violino; apreço por colorido e muitas peças decorativas na sala; preferência por salas espaçosas e com poucas peças decorativas; habitações conglomeradas e próximas dos grandes centros urbanos; casas e apartamentos com áreas mais arborizadas e um pouco distantes das regiões centrais e mais movimentadas; curso superior e domínio de mais de dois idiomas; curso técnico e apreço pelo trabalho manual.

Todas essas preferências falam de estilos de vida, compostos por apreciações distintas e distintivas que costumam ser analisadas em diferentes trabalhos que tomam a teoria social de Pierre Bourdieu como base teórica, como o artigo de Castelano (2011) sobre a apreciação de entretenimento vulgar e consumo de bens depreciados; e a tese de Pulici (2010) que discorre sobre a distinção pelo gosto da chamada “velha” burguesia paulista, de consumos e práticas que vão além de uma mera posse de capital financeiro.

Na presente empreitada procuramos nos distanciar do que são comumente visualizados nos estudos sobre estilos de vida, distinção, gosto, classe social e estratificação social; distância esta que vai além do próprio objeto de análise, a saber, as preferências em matéria de túmulos, mas na própria metodologia de coleta de dados, pois os túmulos, observados por meio de fichas catalográficas¹⁰, formaram a principal fonte da pesquisa.

Dessa forma o presente artigo analisa, sob a perspectiva teórica de Pierre Bourdieu (no que se refere à sociologia do gosto e da distinção), os

10 Tais fichas são geralmente usadas no processo de levantamento de dados detalhados sobre os túmulos que, em seguida, são apreciados no trâmite para o tombamento de um mausoléu específico ou do cemitério como um todo. No desenvolvimento desta pesquisa a pretensão foi menor, sendo a ficha uma técnica para coleta de dados e ordenamento de informações. Na construção desta ficha, foram consultadas as seguintes obras: Steyer (2010), Borges (2002) e Borges (2008).

túmulos da elite¹¹recifense (que morreu e viveu entre 1854 e 1930) sepultada no cemitério popularmente conhecido como Santo Amaro, localizado no bairro de Santo Amaro, na cidade do Recife, Pernambuco.

Partindo da pergunta “o que há no túmulo que reflete a distinção?”, observamos as sepulturas buscando identificar nelas os vários objetos e espacialidades conectoras de sinais de diferenciação social, sinais distintivos, sinais que separam as classes sociais, sinais presentes nos estilos de vida e, por sua vez, nos estilos de morte.

O cerne do texto é apresentar um estilo de vida, ou melhor, uma prática que compõe um estilo de vida, a saber, o estilo de morte, mais precisamente o estilo de túmulo, indicando certas características tumulares que podem ser tidas como ligadas a uma prática comum, a um gosto comum, gosto este que distingue, diferencia. E essa diferença não se limita aos indivíduos e patriarcas que mandaram edificar seus túmulos antes mesmo de manifestarem alguma doença ou “sentirem a morte chegar”, mas a seus descendentes, aqueles que, mais novos e vigorosos, desfrutariam do prestígio, do poder e dos sinais distintivos do bem simbólico e herança tumular que era o túmulo oitocentista¹².

11 Conforme a definição de Mills: “[...] um conjunto de altas rodas cujos membros são selecionados, preparados e comprovados, e aos quais se permite acesso íntimo aos que comandam as hierarquias institucionais impessoais da sociedade moderna” (MILLS.1981, p.24). Na análise do sociólogo, foram consideradas elites pessoas dos altos escalões corporativos, militares e políticos, cujas ações repercutem de forma massiva sobre uma grande quantidade de pessoas. Este pequeno círculo olha “de cima” os atos cotidianos das pessoas que estão sujeitas às suas decisões. Na presente pesquisa tal elite é composta por donos de engenho de açúcar, empresários, intelectuais, militares, funcionários públicos do alto escalão e políticos.

12 O recorte temporal do artigo segue para duas décadas além do oitocentos, compreendendo os anos 1930 mas, no caso específico do Cemitério de Santo Amaro, o que há é um desdobramento do estilo tumular empregado no final do oitocentos, que presencia nos primeiros decênios do século XX uma diminuição no apuro e cuidado com a arte e arquitetura tumular, aparentemente seguindo uma decadência econômica e política em Pernambuco, que deixa de inovar na arte e arquitetura funerária. Por isso, no presente artigo, as três primeiras décadas do século XX ficam subsumidas no termo “oitocentista”.

2. *Habitus*, estilos de vida, gosto e distinção

Antes de falarmos propriamente sobre a questão do cemitério e dos túmulos como construções ícones simbólicos de distinção ou mesmo abordarmos as atitudes perante a morte, temos de nos situar teoricamente, esclarecer o sentido dos conceitos de *habitus*, estilo de vida e gosto presentes na teoria social de Pierre Bourdieu. Começemos com o conceito de *habitus* que, conseqüentemente, trará os demais.

O conceito de *habitus* está presente no conjunto da obra de Pierre Bourdieu, sendo uma alternativa às abordagens baseadas no individualismo metodológico e no estruturalismo, tratando-se de um conceito prático que procura dar conta tanto dos agentes quanto das agências, tanto da ação do indivíduo quanto da dimensão estrutural. Dentre as definições encontradas, temos a presente na obra *Razões Práticas*, que diz ser o *habitus* um “sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categoriais de percepção e apreciação, ou como princípios de classificação e simultaneamente como princípios organizadores da ação” (BOURDIEU. 1996, p. 26).

Este *habitus*, que produz práticas individuais e coletivas, sendo produto da história, está presente também no nível intermental e inconsciente, estando nos comportamentos mais cotidianos e rotineiros, tidos mesmo como naturais. Nas palavras do pesquisador, em *A economia das trocas simbólicas*, o *habitus* é: “O princípio unificador e gerador de todas as

Em contrapartida, cemitérios de São Paulo (Consolação) e Rio de Janeiro (São João Batista) apresentam uma ruptura temporal no gosto fúnebre na medida em que seus túmulos do século XX sofrem uma clara dissociação do estilo do túmulo da segunda metade do oitocentos, tomando assim contornos da arte moderna e do distanciamento do gosto monárquico. Nos cemitérios públicos das duas capitais mencionadas justificaria uma diferenciação entre séculos quando aplicada ao gosto fúnebre; no caso do Recife não. Para um aprofundamento no assunto ver: Motta (2009), Timpanaro (2006) e Valladares (1972). Destes três, Motta (op.cit) é o que ressalta mais claramente esta distinção temporal que remete a uma mudança política (passagem da Monarquia e consolidação da República).

práticas e, em particular, destas orientações comumente descritas como ‘escolhas’ da ‘vocação’, e muitas vezes consideradas efeitos da ‘tomada de consciência’” (BOURDIEU. 2007, p. 201).

Continuando com a sua relação entre *habitus* e escolhas, bem como práticas, o sociólogo relaciona o conceito aos gostos, a diferenciação social e aos estilos de vida:

princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*princípio divisionis*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU. 2008, p. 162).

O gosto, definido como “propensão e aptidão para a apropriação – material e/ou simbólica – de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes” (BOURDIEU, 2008, p. 165) define o *habitus* juntamente com a capacidade de produzir obras e práticas classificáveis.

O gosto também se apresenta como um operador prático, capaz de transmutar coisas em sinais de diferenciação social, sinais distintivos: “ele faz com que as diferenças inscritas na ordem física dos corpos tenham acesso à ordem simbólica das distinções significantes.” (BOURDIEU, 2008, p. 166). E tal distinção nada mais é do que “diferença, separação, traço distintivo, resumindo, propriedade relacional que só existe em relação a outras propriedades” (BOURDIEU, 1996, p. 18).

Estas diferenças, traços distintivos propiciados pelos gostos, “é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida (...), pois o estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas” (BOURDIEU, 1983, p. 83), ou seja, o estilo de vida é forjado por gostos diversos, tanto

relacionados a determinadas práticas como a determinados objetos, tais como em matéria de esportes, entretenimento, alimentação, mobília, decoração, vestimenta e morte.

Neste sentido as classes se diferenciam por meio dos diferentes estilos de vida, pelas preferências verificadas em várias esferas, mas isso não quer dizer que há uma oposição radical em relação a todos os estratos (como se um apreciasse o futebol e outro detestasse, um encontrasse o belo em uma fotografia que apresentasse carros amassados e outro considerasse isso horrendo), pois a grande oposição entre diferentes classes se concentra na distância do que é fator de sobrevivência e urgência. Por isso Bourdieu fala de gostos de liberdade¹³ (ou luxo) e gosto de necessidade.

Pierre Bourdieu diz que a mais importante das diferenças na ordem do estilo de vida, especialmente da “estilização da vida” – conforme Weber (2004) –, se encontra nas variações da distância com o mundo, da distância com as coisas mais urgentes e imediatas da vida. Desta forma a classe dominante se opõe, em suas preferências, aos estilos de vida mais populares, ligados ao gosto de necessidade, gosto este que “só pode engendrar um estilo de vida em si que é definido como tal apenas de forma negativa, por falta, pela relação de privação que mantém com os outros estilos de vida” (BOURDIEU, 2008, p. 170).

Bourdieu, em pesquisa realizada na França dos anos 1970, diz que os operários costumam ter preferências por interiores aseados e fáceis de manter, de roupas de corte clássico, sem riscos da moda. Já as classes médias, mais livres das necessidades mais urgentes, reivindicam um interior quente, íntimo, confortável e um vestuário na moda e original.

13 O termo “liberdade”, relacionado aos ricos e as elites também é utilizado pelo sociólogo norte-americano Charles Wright Mills, que leva isso às últimas consequências ao dizer que os muito ricos são os realmente livres. Para ele “o dinheiro dá o poder, e este a liberdade” (1981, p. 196).

Olhando desta maneira, percebemos que a relação entre gosto de liberdade e gosto de necessidade é pautada, sobretudo, pelo capital econômico, pelo que alguém dispõe de dinheiro, mas na medida em que há uma distância destas necessidades, bem como uma naturalização de práticas e consumos de objetos, encontramos contrastes entre classes que estão acima dos consumos mais urgentes da vida, como entre a classe média e superior (e entre os mais providos de capital econômico e os que possuem mais capital cultural). Isso ocorre porque os “gostos de liberdade só podem se afirmar enquanto tais com relação aos gostos de necessidade e, passando por aí para a ordem da estética, construídos como vulgares.” (BOURDIEU, 1983, p. 88).

Entretanto, ainda não basta o suprimento das necessidades básicas e o conhecimento necessário para apreciar uma obra de arte (derivado principalmente do que foi aprendido na escola), mas é preciso também uma distância, uma diferenciação em termos de como se consomem produtos e se realizam dadas práticas de ordem primária, como a escolha de uma carne ou o modo de andar e posicionar o corpo, pois “o privilégio mais classificador tem, assim, o privilégio de aparecer como o mais fundado na natureza” (BOURDIEU, 1983, p.88) e

nada determina mais a classe e é mais distintivo, mais distinto, que a capacidade de constituir, esteticamente, objetos quaisquer ou, até mesmo, ‘vulgares’ (por serem apropriados, sobretudo, para fins estéticos, pelo ‘vulgar’) ou a aptidão para aplicar os princípios de uma estética ‘pura’ nas escolhas mais comuns da existência comum – por exemplo, em matéria de cardápio, vestuário ou decoração da casa – por uma completa inversão da disposição popular que anexa a estética à ética (BOURDIEU, 2008, p. 13).

No interior das classes superiores, assim como “no interior de todas as ‘classes’, estabelecem-se oposições entre as frações mais ricas em capital cultural e mais pobres em capital econômico” (PULICI, 2010, p.60-61). No interior da classe superior, os mais providos de capital cultural herdado no seio da família se diferenciam daqueles cujo capital cultural proveio da educação formal e daqueles com pouco capital cultural e muito capital econômico.

Portanto, o próprio tipo de educação recebida molda as ações e os gostos dos mais providos de capital econômico, podendo estes se diferenciarem entre si pelas atitudes corporais, preferências em matéria de alimento, leitura, lazer, moradia, decoração e mesmo morte. É neste sentido que, como veremos, as formas tumulares das diferentes elites tendem a variar esteticamente conforme a origem social de quem mandou edificar o túmulo, concedendo sinais distintivos aos seus descendentes e futuros corpos sepultáveis.

3. A emergência de um gosto fúnebre

O Cemitério Senhor Bom Jesus de Santo Amaro das Salinas, mais conhecido como cemitério de Santo Amaro, localizado na cidade do Recife, Pernambuco, foi inaugurado, ainda restando pôr o portão principal e construir a capela central, no ano de 1851¹⁴. A maior motivação para sua

14 Em 1841 uma lei já proibia o sepultamento no interior das igrejas e os médicos higienistas pressionavam pela criação de um cemitério público na província, alegando a insalubridade do sepultamento *ad sanctus*, que faziam com que os vivos saudáveis ficassem sujeitos aos males da decomposição cadavérica. Os políticos, sobretudo o governador da província, Francisco do Rego Barros (Barão da Boa Vista), temiam a impopularidade de efetivamente proibir o sepultamento no interior dos templos e erigir um cemitério. Precisou de uma grande epidemia para que o projeto do cemitério fosse efetivado. A necrópole pernambucana acabou por ser inaugurada às pressas. Sobre a transição do sepultamento no interior das igrejas e o surgimento do cemitério de Santo Amaro ver:

inauguração antecipada foi o surto de febre amarela que assolou grande parte do Brasil e chegou à Pernambuco causando grande mortandade.

Apesar de inacabado em sua inauguração, devido às necessidades, em anos posteriores foi cumprido o que havia sido planejado pelos médicos e o primeiro engenheiro responsável pelo cemitério, o francês Louis Léger Vauthier (também responsável pelo teatro Santa Isabel), altamente elogiado por Freyre (1968) devido sua grande inteligência e capacidade, mas que não permaneceu tempo suficiente no país para finalizar o projeto e ver o Cemitério de Santo Amaro pronto.

Por isso no Santo Amaro atual podem ser observadas formas harmônicas e simétricas na distribuição dos espaços, onde as ruas estão interligadas, formando quadras poligonais e triangulares, onde em suas orlas se encontram os túmulos perpétuos e nas áreas centrais (por trás dos terrenos perpétuos) as sepulturas temporárias.

O terreno é plano, sem declives ou grandes irregularidades geográficas, o que é uma raridade entre os cemitérios ao redor do Brasil, assim como é diferente por não estar localizado em um local alto ou originalmente muito distante da cidade. O Santo Amaro ainda dispõe de uma boa arborização, com árvores centenárias locais e importadas, havendo destaque para as palmeiras imperiais, localizadas na rua principal e em rua que flanqueia a capela (em estilo gótico ao centro do cemitério, inaugurada em 1853, melhorada e restaurada em 1899 e 1930).

Sobre os espaços destinados aos mortos no interior do cemitério de Santo Amaro, já em 1851 ele dispunha de um regulamento que limitava a aquisição de lotes em, no máximo, o equivalente a quatro sepulturas de corpo estendido e, desde o primeiro ano do Cemitério Público, os espaços em seu interior foram disputados, como defende Castro (2007). Tal regulamento contrasta com a realidade brasileira do período e até dos

CASTRO, Vanessa de. *Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX*. Recife: FCCR, 2007.

dias atuais, que não dispõe de um regulamento que limita a aquisição de terras. Ainda hoje basta ter dinheiro para adquirir as terras disponíveis.

Assim, se no ano de 1850 o Império estabeleceu uma lei pífia que apenas dizia que as terras nacionais pertenciam ao Estado, devendo os interessados adquiri-las da instituição pública, os cemitérios brasileiros, especificamente o cemitério de Santo Amaro, no primeiro ano de inauguração, dispunha de normas mais rígidas de aquisição de lotes em seu interior.

O regulamento de 25 de fevereiro de 1851 determinou que um terreno custasse vinte mil réis, dois custariam duzentos mil réis, três custariam novecentos mil réis e quatro custariam um conto e quatrocentos mil réis¹⁵. Os espaços temporários custariam cinquenta mil réis (catacumba) e três mil réis (sepultura comum). Com receio de revolta pelos altos preços, ainda mais em um espaço destinado a abolir uma tradição antiga de sepultar nas igrejas, a Assembleia provincial solicitou a reformulação dos preços e o presidente da província acrescentou algumas normas ao regulamento para o cemitério Público do Recife (em 25 de novembro de 1852).

O regulamento de 1852 baixou pela metade o preço da catacumba (tipo de sepultura típica das irmandades religiosas), o que era bem mais baixo do que o cobrado por sepultura no interior das igrejas. Era uma medida para não gerar insatisfações entre as agremiações religiosas que, como fala Castro (2007), poderiam reivindicar o retorno ao sepultamento

15 Até hoje os valores dos lotes de terras, nos cemitérios oitocentistas, são altíssimos. Até 2010, quando fotografei o interior da administração do Cemitério de Santo Amaro, não havia disponibilidade de espaço para o sepultamento perpétuo. O que havia era uma espécie de acordo informal entre donos de jazigo e familiar que desejava guardar os ossos ou corpo perpetuamente. Mas no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, Minas Gerais, anotei as informações de uma tabela com alguns preços de produtos e serviços ofertados pelo cemitério. Em um dos espaços constava um valor superior a R\$11.000,00 (onze mil reais) por uma sepultura perpétua reutilizada, “não virgem” nas palavras de um dos funcionários.

em igreja. A sepultura comum, temporária, manteve o custo de três mil réis e os valores das concessões perpétuas permaneceram os mesmos¹⁶.

A grande novidade deste regulamento se referia à quantidade de lotes que se poderia adquirir. Ficou estabelecido o máximo de quatro lotes a serem comprados, mas com a ressalva de que o presidente da província poderia conceder mais lotes conforme as necessidades do solicitante. Se a baixa nos valores das catacumbas beneficiou as agremiações religiosas, a possibilidade de adquirir mais do que quatro lotes favoreceram a elite política e econômica do Recife, que poderiam usar seu capital econômico e social junto ao presidente da província para conseguirem mais do que quatro lotes de terras e edificarem seus altos e extensos túmulos. Foi um modo do presidente da província ganhar individualmente com as concessões de lotes no Cemitério Público, usando seu poder para adquirir e quitar favores e obter dinheiro.

Este cenário do loteamento no interior do cemitério mostra um pouco das tramas do poder e a valorização de um bem cuja importância é simbólica, tal como uma origem social de prestígio e gerações de indivíduo que se diferenciam de novos ricos, como mencionada por Bourdieu (2008b). A compra de diferentes lotes então serve ao prestígio de uma elite que almeja se reconhecer na compra de um bem escasso e que possibilita a edificação de verdadeiros monumentos à memória da família, forjando assim uma dinastia que, em geral, apresenta no túmulo uma continuidade

16 Os valores dos lotes perpétuos do Cemitério de Santo Amaro mostraram-se caros mesmo quando comparados com os custos dos terrenos permanentes de outras necrópoles oitocentistas. No Cemitério do Bonfim, em belo Horizonte, Minas Gerais, de que fala Almeida (2007), quatro lotes perpétuos custavam (em 1900) um conto de réis, ao passo que em Santo Amaro a mesma quantidade era adquirida por um conto e quatrocentos mil réis (no ano de 1852). Tais valores são superiores a uma casa de médio porte e de um sítio no Recife do período e, segundo Timpanaro (2006), mais altos do que, em meados do século XIX, três meses de salário de um cirurgião do serviço público paulista.

de riqueza, prestígio e poder quiméricas, desconexa com a realidade de encobrimento de uma origem social humilde, de novos ricos¹⁷.

Os grandes donos de engenho, os políticos, as altas patentes militares e os comerciantes bem-sucedidos buscaram logo adquirir seus lotes perpétuos no interior do Cemitério de Santo Amaro, almejando uma distinção social por meio do tamanho de seus lotes, o que traria ainda mais visibilidade para suas sepulturas altas, algumas dispendo de mais de quatro metros de altura. No entanto, a lógica da distinção fúnebre por meio do espaço não terminava na compra de quatro, cinco ou seis lotes de terras, mas ainda havia a localização destes lotes nos diferentes espaços da necrópole, pois a própria arquitetura do cemitério público favorecia a distinção fúnebre por meio do espaço cemiterial.

como na cidade dos vivos, a desigualdade tornara-se ainda mais flagrante no espaço póstumo. Havia os bons e os maus lugares. Os mais caros e cobiçados, situados nas grandes alamedas ou avenidas centrais, cuja presença era notada e admirada por todos os que chegavam ao local, eram destinados àqueles que podiam pagar mais para ter o privilégio de um lugar especial e também de uma concessão perpétua, isto é, um patrimônio material transmissível como qualquer outro. (MOTTA, 2009, p.74).

Semelhante a sepultura no interior dos templos, havia os locais específicos mais disputados pelas elites, e estes espaços eram aqueles de maior visualização e os próximos da capela central. Não à toa que, em Santo Amaro, as áreas mais nobres, com os túmulos de famílias mais antigas,

17 O tema “trabalho duro” e ascensão social por meio da labuta são ausentes no Santo Amaro do período recortado. Em contraste a este cenário temos alguns cemitérios paulistas de túmulos do século XX que retratam a ascensão social pelo trabalho como um valor tipicamente burguês. Nesta perspectiva é emblemático o túmulo do imigrante italiano Antonio Lerario, localizado no Cemitério do Araçá, na cidade de São Paulo.

tituladas e endinheiradas, são sombreadas por palmeiras imperiais, ao passo que os lotes perpétuos menos distintivos estão sob a sombra de mangueiras e oitizeiros e os espaços temporários, destinados a corpos que, após dois anos, são retirados, não dispõem de árvore alguma e estão localizados ao centro dos lotes perpétuos.

Vemos então que a maior visualização da sepultura individual ou familiar era buscada pelas diferentes elites, não apenas por fins de ordem religiosa, para que os visitantes do cemitério pudessem realizar uma prece em prol do morto, mas para que o nome imponente da família e do indivíduo ilustre fosse facilmente visualizado e reconhecido, concedendo prestígio para a família viva e para o morto quando ainda em vida mandara edificar sua sepultura.

4. A falta de discrição dos túmulos

Como defende Motta (2009), o espaço cemiterial, a partir de meados do século XIX, passou a ser um lugar de lazer e visitação profusa, especialmente nas datas especiais, como finados. Isso se deu por conta do culto aos mortos, incentivado por positivistas e católicos, que viam a lembrança do ente querido de grandes feitos como um ato moralizante. Assim “[...] o culto dos mortos tornava-se prática familiar, ao mesmo tempo que efetivada e reputada como de boa conduta moral” (MOTTA, 2009, p.90).

Os cemitérios oitocentistas, sobretudo no dia de finados, data de aniversário e de falecimento de parentes e amigos, efervesciam de gente que, procurando passar o dia naquele espaço, levavam mantimentos para tanto, transformando a necrópole em um espaço de lazer e sociabilidade. Parentes e amigos podiam conversar, trocar ideias sobre os amigos e parentes ali sepultados e aqueles que em breve lá estariam também, bem como observar e comentar sobre as sepulturas ao seu redor, afinal a boa conservação do túmulo familiar e a própria visitação a este era um indício

de moralidade e amabilidade para com o familiar morto. Mesmo jornais e manuais de etiqueta importados da França afirmavam que o túmulo familiar deveria ser visitado e conservado, pois quem não o fizesse seria taxado como possuidor de um problema moral. (MOTTA, 2009; 2010).

Nestes espaços altamente visitados, onde a sociabilidade era marcante e a contemplação dos túmulos e seus epitáfios um costume, as elites, assim como faziam com suas casas-grandes rurais e sobradões urbanos, procuravam confeccionar túmulos condizentes com o estilo europeu divulgado no Brasil, mesmo que tal estilo estivesse defasado e que tal peça já estivesse démodé em Portugal, França e Itália, como no caso *do art nouveau*¹⁸, que chegou já ultrapassada ao Brasil, tanto na arte funerária quanto nas estruturas das casas-grandes e em seu mobiliário.

Portanto, nestes espaços extremamente visitados que eram as necrópoles oitocentistas, os diferentes membros das elites procuraram edificar túmulos chamativos, imponentes, com epitáfios elaborados e reflexivos e brasões em baixo relevo localizados em locais visíveis. Muitos destes túmulos procuraram reproduzir um antigo local de habitação dos cadáveres, a saber, as igrejas e outros, segundo Motta (2009), intentaram representar suas habitações, expondo um gosto fúnebre mais laicizado, voltado para a racionalidade e não para a religiosidade.

Eles também seguiram estilos arquitetônicos específicos, como o gótico e o clássico, predominando o ecletismo, além de preferirem apresentar o nome do patriarca em destaque no túmulo, deixando em segundo plano o nome da família e de seus membros, ou consideraram mais relevante pôr o nome de algum membro mais reconhecido socialmente e bem sucedido do que o próprio chefe da família, tomando deste o poder simbólico que serviria a toda uma estirpe.

18 Segundo Valladares (1972) o *art nouveau* é um estilo que tem por fundamento a sensualidade. No cemitério de Santo Amaro as peças neste estilo são raras, pois as figuras aparecem com pouca sensualidade, não expondo roupas coladas ao corpo ou esvoaçantes, muito menos peças do corpo descobertas.

A questão é que a sepultura passou a fazer muito mais do que ocultar o cadáver decomposto, mas atestar o gosto fúnebre dos donos de túmulos ainda vivos, bem como distinguir a construção de outras mais simples e diferentes, atraindo o olhar contemplativo dos visitantes que passeavam pelas ruas das necrópoles observando a forma do túmulo, o autor, o nome ou os nomes em destaque; as inscrições e os epitáfios; as estatuárias, as dimensões, os materiais empregados e a conservação da campa.

Alguns túmulos chegavam mesmo a estabelecer uma comunicação direta com o visitante, através de pedidos de oração e preces, outros olhavam de cima para os transeuntes, indicando sua ostentação por meio de seus vários ícones distintivos, como a altura e a localização em uma área privilegiada, como é o caso do túmulo do barão D'Ouricury, presente no cemitério de Santo Amaro, em uma das ruas sombreadas por palmeiras imperiais ao lado da capela central.

O jazigo-capela do barão D'Ouricury foi completamente importado de Portugal, mais precisamente de Lisboa e confeccionado por Antonio Augusto Xavier. Todo o túmulo, dos degraus na entrada até a imagem feminina no topo da capela, é composto por um dos mármore mais nobres, a pedra de lioz. A sepultura também dispõe de um estilo gótico flamejante, havendo diversas tochas sobre pilares que rodeiam a capela. Um gradil bem conservado, com detalhes de liras – comum nas campas do século XIX – separam o lote dos transeuntes. Cabe ao visitante estranho contemplar de longe a imponente sepultura e avistar quase de imediato as armas do titulado, indicando que ele foi um dos poucos brasileiros a receber um título nobiliárquico¹⁹.

19 Comparando com o número e não com a nobreza de outros países, pois, de fato, a concessão de títulos no Brasil foi generosa e Pernambuco foi uma das províncias com o maior número de titulados, conforme Schwarcz (1997).

Outro imponente túmulo de nobre, também bem localizado, é o mausoléu do barão e baronesa de Mecejana, considerado um dos túmulos mais belos do país e um anunciador do tipo de túmulo individual, típico do início do século XX e ligado a uma tradição burguesa comum em outras capitais. Ele se encontra próximo a entrada principal da necrópole e seu tamanho é tão grande que a última escala dele pode ser vista de vários pontos do cemitério. Seu material predominante é o mais nobre dos mármore, o mármore de carrara e, apesar de ter sido feito para pôr os corpos da filha e do genro, apresenta as imagens em tamanho natural de Antonio Candido Antunes D'Oliveira e sua esposa Colomba Maria Vidal D'Oliveira, barão e baronesa de Mecejana. Os próprios compradores da sepultura estão representados realisticamente nela, concedendo ao bem e a eles mesmos, ainda vivos quando a edificação ficou pronta, um valor distintivo considerável, anunciando um gosto peculiar, que uni o tipo de sepultura familiar ao túmulo tipicamente individual.

Tanto o túmulo do barão D'Ouricury quanto dos Macejana apresentam materialmente uma "propensão e aptidão para a apropriação – material e/ou simbólica – de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes" (BOURDIEU, 2008, p. 165). Os túmulos denunciam um *habitus* marcado por um gosto de liberdade, que lhes permitem se apropriar do que é considerado de melhor qualidade e durabilidade (pedra de lioz e mármore de carrara), importados de locais de prestígio cultural e artísticos (Portugal e Itália). Refletem em pedra uma apreciação artística e um apuro arquitetônico provados em vida, expondo o desejo de continuidade deste *habitus* após a morte.

Segundo Valladares (1972), o túmulo grandioso de Manuel Inácio de Oliveira, o barão d'Ouricury e o dos barões de Mecejana, constituem uma exceção aos brasonados e titulados, pois, em Santo Amaro, os maiores gastos com sepulturas sofisticadas foram feitos por indivíduos que dispunham de títulos menos relevantes, como o de comendador, caso do comendador Manoel Bernardo da Silva, que importou seu túmulo de

Lisboa, encomendado dos estatuários Salles, mesma empresa responsável pelo túmulo de Gonçalves Dias, no Maranhão e a do comendador Henrique Bernardes de Oliveira, com base de alvenaria e restante dos túmulos em pedra de lioz.

Contudo, pelo que observamos na pesquisa de campo no Cemitério de Santo Amaro, os túmulos de barões ainda apresentam uma sofisticação, não sendo bem exceção os túmulos grandiosos do barão d'Ouricury e do barão e baronesa de Mecejana²⁰. Entrementes, os titulados que tinham acesso à corte, como os barões com grandeza, viscondes e condes, não se preocupavam tanto com uma sepultura grande e extensa, confeccionada completamente por materiais como o mármore de carara e a pedra de lioz ou portando grande número de signos decorativos e estatuárias. Suas armas e a inscrição tumular indicando a honraria elevada, seu passaporte para a corte, eram signos distintivos suficientes para a família ainda viva e o nobre.

Em geral eram pessoas com pouco capital econômico, muito capital social e um legítimo e elevado capital cultural herdado da família. Eles geralmente eram senhores de engenho já decadentes, e empresários sem grandes recursos, porém descendentes de ricos senhores de engenho e dispendo de uma linhagem mais sofisticada, com pais, avós e tios diretamente ligados à corte, geralmente grandes donos de terras e com alguma patente militar ou honraria nobiliárquica menor do que a de seus descendentes. Um exemplo deste tipo de gosto fúnebre é verificado na sepultura de Joaquim de Souza Leão.

20 O túmulo do barão d'Ouricury e do barão e baronesa de Mecejana realmente são os mais sofisticados entre as sepulturas de barões, tanto pelo tamanho de seus lotes, quanto pelos materiais empregados. Outros túmulos de barões não chegam nem perto destes, como é o caso do barão da Victoria, barão de Benfica, barão de Capibaribe e barão de Souza Leão, mas ainda apresentam uma sofisticação maior do que outros tipos de sepulturas.

Joaquim de Souza Leão, o barão e visconde de Monte Alegre, ao contrário do que a percepção popular possa pensar e diferente de outros titulados sepultados em cemitérios como o Catumbi, no Rio de Janeiro, não procurou uma sepultura grandiosa, extensa, rica em detalhes e importada. Seu túmulo de porte médio não apresenta epitáfio longo e elaborado, muito menos a predominância de um material nobre, mas é predominantemente de alvenaria, havendo apenas algumas peças de mármore de carrara, como as suas armas e a guirlanda onde está contido o seu título nobiliárquico de visconde.

Para este titulado, como para muitos outros sepultados no cemitério de Santo Amaro, bastou expor seu título nobiliárquico na inscrição presente logo acima das armas, dentro de uma guirlanda, bem como apresentar suas armas, contendo uma coroa de barão, tendo logo abaixo o brasão com escudos e dois leões, ladeados por pés de cana-de-açúcar, símbolo dos muitos engenhos que herdou. Para seu gosto bastou as armas, símbolo distintivo mais do que suficiente para diferenciá-lo após a morte.

Neste sentido, em Santo Amaro, aqueles que dispunham de pouco capital social, pouca ligação com a corte e o rei, portando honrarias inferiores ao de barão com grandeza, visconde ou conde, mas com um capital econômico elevado, e pouco capital cultural, apresentavam túmulos um pouco mais sofisticados do que os maiores titulados. Em geral encomendavam jazigos-capela medianos e túmulos monumentais e de porte médio sem nenhuma estatuária e poucos signos decorativos. Suas sepulturas procuravam suprir a ausência de um título mais elevado, que realmente os habilitava à corte, e de uma origem familiar de linhagem mais pura, mas seu esforço não era maior do que a de outro grupo da elite recifense, a dos comerciantes.

Provindos em geral de uma origem humilde e dispondo de conhecimentos básicos ou mesmo advindos de uma origem abastada, mas

considerado filho de pouca capacidade intelectual²¹, os comerciantes edificavam sepulturas mais sofisticadas. Na verdade, mesmo os comerciantes e empresários bem sucedidos, mas esquecidos pelo rei, sem título algum, se viravam como podiam e não titubeavam em pôr no túmulo a inscrição “comerciante”, seguida do nome ou mesmo expunham apenas seu nome. Contudo, se não eram titulados, faziam questão de edificar sepulturas altas, sem epítáfio longo, mas localizadas em grandiosos lotes de terras, pagando até um conto e quatrocentos mil réis pelo terreno destinado ao túmulo. Um destes túmulos muito altos e apresentando signos decorativos é o túmulo monumental de D’Amorim.

Este túmulo bastante alto e extenso não pertence a um titulado, mas a um indivíduo com capital econômico suficiente pra procurar uma eternização na pedra. De modo algum deixou seu nome ser esquecido e trouxe logo de encomendar um túmulo completamente erigido em pedra de lioz, importado de Portugal. Nele vemos um gradil circundando a peça em sua base e outro acima da primeira escala. Encontramos ainda detalhes de pequenas guirlandas e uma mulher recostada em uma árvore (um carvalho ou oliveira). Vemos ainda uma cruz em baixo relevo e um vaso com panejamento no topo do túmulo.

O túmulo de D’Amorim chama a atenção, trazendo para si os olhares dos visitantes e atestando um gosto pautado no exagero, distinguindo-o de outras sepulturas, como a dos barões e a dos titulados com acesso à corte, assemelhando-se aos túmulos de comendadores. Na falta de um título, armas, brasões, as campas de pessoas ricas em capital econômico, mas de pouco capital cultural e social procuravam preencher esta lacuna, distinguindo-se de outras maneiras e, por isso mesmo, denunciando sua origem social distante da elite legítima, de linhagem mais apurada de

21 Freyre (1977) fala deste costume difundindo entre os senhores de engenho pernambucanos. Eles destinavam ao menos um de seus numerosos filhos ao comércio, em geral aqueles tidos como mais incapazes, ao paço que outros, melhor providos de intelecto, eram destinados aos cursos de direito e medicina.

senhores de terras que em tudo poupava esforço físico, sendo o trabalho um estigma do negro.

Outros túmulos que atestam o exagero tumular, um gosto fúnebre preocupado com os túmulos grandiosos e ricos em detalhes como compensação à ausência de títulos nobiliárquicos são o de Ernesto de Medeiros e sua esposa. Este é um jazigo-capela confeccionado em mármore branco, de altura e extensão considerável, localizado em local privilegiado, na quadra 23, uma das próximas da entrada principal, contendo guirlandas próximas à porta e um gradil prateado bem conservado rodeando o pátio da sepultura.

Outro túmulo de mesmo tipo, pertencente a um não titulado, edificado no início do século XX, é o de Bernardes de Oliveira e de sua esposa e filhos. O mausoléu na forma de capela e confeccionado em alvenaria apresenta uma arquitetura eclética, com caracteres clássicos e góticos, expondo uma altura impressionante e palmas, panos e flor-de-lis em baixo relevo.

Como defende Bourdieu (2008b; 2009), o desejo de proximidade de classes inferiores, tal como os novos ricos, acaba por revelar sua própria distância de outras camadas mais estabelecidas, que conservam em si um capital cultural construído no seio da família e conservado por gerações. Os túmulos copiados por muitos comerciantes, inspirados em outras camadas sociais mais dotadas de capital cultural terminam por não compor um elemento de proximidade e equiparação, mas de diferença pela cópia tosca e exagerada. Elias (1993) aponta algo análogo nas cortes europeias, onde as regras de etiqueta geridas pela nobreza tentavam ser copiadas pela burguesia ascendente que, por não disporem do mesmo capital cultural e ócio repetiam tardia e erroneamente o *habitus* da nobreza.

Outra elite, de estilo de vida próprio é a dos militares sem título nobiliárquico. Os túmulos destes militares procuravam expor sua patente elevada e, em alguns casos, seus feitos mais significativos e as batalhas

mais relevantes. Curiosamente os que mencionam os feitos não apresentam uma sepultura de construção imponente, mas simples, geralmente um túmulo simples ou um ossuário vertical. Aqueles que ostentam uma sepultura alta e extensa costumam expor apenas a patente.

A patente elevada assemelha-se ao título nobiliárquico, contudo, entre as sepulturas de major, tenente coronel e coronel não foram verificadas grandes diferenças de gosto. Não eram sepulturas com grandes detalhes e apuro estético, mas comum na altura elevada e extensão. A patente mais alta, como a de Marechal ou Coronel, não influenciava no tamanho do túmulo, não fazia diferir dos túmulos de Major e Tenente Coronel, mas sim a presença ou não do epitáfio elaborado.

Como exemplo de túmulo de alta patente militar há a do Marechal capitão de fragata Vital D'Oliveira, morto em combate na Guerra do Paraguai no ano de 1867. Seu túmulo é um ossuário vertical, sem grande altura ou extensão, feito para depositar ossos e não o corpo morto estendido. Sua pequenez é compensada pela grandiosidade do homem ali sepultado: um marechal morto em combate!

Apesar de haver, no topo da construção, uma cruz de mármore esculpida como tronco, tendo uma base de pedra, o grande destaque do túmulo é seu epitáfio, que fala do nobre ofício do falecido, de sua distinta patente e da honra em ter morrido em combate. Há destaque também para duas figuras em baixo relevo: uma âncora entrecruzada com uma espada. A âncora em outros túmulos simboliza a fé cristã e a esperança, mas nesse ela remete à embarcação propriamente dita, veículo conduzido pelo defunto quando em vida, já a espada é peça comum em túmulos militares.

Diferindo de todos os túmulos mencionados anteriormente, as sepulturas da elite intelectual denunciavam um gosto fúnebre mais ligado à inscrição do que a construção, não procurando túmulos altos ou que ocupavam mais do que um lote de terra. São sepulturas mais simples, geralmente um ossuário vertical ou um túmulo simples, de alvenaria ou

mármore branco, sem detalhes além de ramos e folhas em relevo gravado ou algum símbolo relacionado com o ofício do morto. É de uma elite intelectualizada, com pouco capital econômico e bastante capital cultural, mas muito próximos do gosto de necessidade. São jornalistas, professores e alguns bacharéis.

Um exemplo deste tipo de túmulo está localizado na quadra 22, próximo ao portão de entrada, em uma rua secundária, praticamente encoberto pela sombra do túmulo do barão e baronesa de Mecejana. Trata-se da sepultura do jornalista Maciel Pinheiro, um ossuário vertical de altura inferior a outros do mesmo tipo, mas repleto de inscrições tumulares em quase todas as suas quatro faces.

O personagem presenciou a guerra do Paraguai e fundou e dirigiu o jornal “O Norte”. A referência a sua grandiosidade intelectual começa antes mesmo do ossuário, nas escadas que conduzem o visitante até a altura do depósito mortuário da personalidade. Um personagem tão distinto merecia estar acima de outras pessoas mais comuns, mesmo que simbolicamente, afinal seu túmulo não é alto. O ossuário ainda apresenta figuras em baixo relevo em sua face voltada para a rua: uma pena cruzada com uma espada, tendo acima destas um gorro, havendo também duas estrelas ladeando a figura. Contudo o que há de maior destaque no túmulo e mais distinto para uma sepultura de intelectual são as inscrições, sendo a principal e mais extensa a localizada atrás do túmulo, que diz:

AQUELLE QUE AQUI ESTA NA SOMBRA ETERNA
IMMERSO OLHOS SEM LUZ VAZIO O CRANEO
FOI ATE POUCO UM LUTADOR TITANEO
CHEIO DE FE DA GRANDE FE MODERNA
BELLO EXEMPLAR DA RODA DOS VALENTES
QUE SE BATEM SOMENTE À LUZ DA IDEIA
ELLE FEZ DA EXISTENCIA UMA ODYSSEIA
HYPERHUMANA E DE ECHOS ESTRIDENTES

POR ARMAS TEVE APENAS O TALENTO
O AMOR DA PATRIA O VIVO SENTIMENTO
DA HONRA E A PENNA A PENA CORUSCANTE
E SO A MORTE A GRANDE VENCEDORA
POUDE VENCELO EM MEIO A EXTENUADORA
LUTA RESPEITO A COVA DO GIGANTE

Como lemos, a louvação tumular exalta a grandiosidade do morto, expõe seu talento e, apesar de não mencionar, na verdade fala de sua atuação no jornalismo, sendo o defunto um homem letrado, combatente da verdade e incentivador dos avanços de ideias modernas. Dispondo de pouco capital econômico, porém muito capital cultural formal, como os professores superiores mencionados por Bourdieu (1983;2008a), Maciel Pinheiro e seus familiares e colegas, como outros intelectuais, tais como os “imortais” da Academia Pernambucana de Letras, procuraram uma forma de perenidade relacionada com o epitáfio, deixando para segundo plano a construção em si.

Por outro lado, outra elite, a política, que comumente recebia títulos nobiliárquicos, apresentando um estilo de vida semelhante aos dos donos de terras e um pouco mais distantes dos comerciantes, diferiam em seu gosto fúnebre tanto dos titulados (tanto barões quanto viscondes e condes) quanto dos comerciantes e intelectuais. Eles, principalmente os governadores (durante o Império e a República), reuniam em suas edificações símbolos distintivos típicos dos intelectuais, dos comerciantes e dos nobres sem acesso à corte, mas com pontuais diferenças.

Procuravam edificar construções que ocupavam mais de um lote de terra, com altura considerável, que ultrapassavam facilmente os três metros de altura e, além disso, prezavam pelo epitáfio elaborado, geralmente biográfico e curricular – conforme tipologia de epitáfios engendrada por Steyer (2010), que mencionava sua atuação na política.

Um dos túmulos de políticos encontrados em Santo Amaro é o das famílias Bezerra Cavalcante e Bezerra de Melo. Estes túmulos ocupam um grandioso espaço, pois há lápides além da própria construção principal. O túmulo principal é edificado no início do século XX, confeccionado em mármore ou granito negro, com grades pintadas de branco na entrada e nas janelas encontradas atrás do mausoléu.

No interior do túmulo vemos em destaque um epitáfio de tipo biográfico do político José Rufino Bezerra Cavalcanti: “NASCEU EM VICTORIA AOS 16 DE AGOSTO DE 1865 FALLECEU EM TEGIPIO AOS 28 DE MARÇO DE 1922 EMPOSSADO EM 24 DE DEZEMBRO DE 1919 GOVERNOU SEU ESTADO DURANTE 824 DIAS DEPUTADO SENADOR E GOVERNADOR”. Além da diferenciação social pela sepultura em si, o senador, deputado e governador e sua família procuraram edificar uma sepultura de altura considerável, mais alta do que muitas casas populares localizadas no bairro onde o cemitério está. Ainda prezou pelo tamanho do lote e pelo epitáfio que expõe sua atuação política.

Epitáfio

Como alguém que chama por atenção e faz questão de se diferenciar, as sepulturas perpétuas, localizadas nos locais mais privilegiados buscam uma distinção, uma diferenciação, uma distância dos túmulos mais simples, pertencentes a pessoas e famílias quase que desprovida de qualquer capital simbólico. Procuram apresentar um gosto pautado no luxo e na liberdade e não na necessidade. Por isso encomendam túmulos inteiros e peças de outros países e regiões do país, mandam expor suas armas e brasões e fazem questão de indicar seu título nobiliárquico, bem como elaborar inscrições sofisticadas de autoexaltação e glorificação do parente. Assim seus túmulos são como o interior de suas residências, que:

[...] exprime, em sua linguagem, o estado presente e, até mesmo, passado, daqueles que o ocupam, revelando a segurança sem ostentação da riqueza herdada, a arrogância espalhafatosa dos novos-ricos,

a miséria discreta dos pobres ou a miséria dourada dos 'primos pobres' que pretendem viver acima de seus recursos [...]. (BOURDIEU, 2008a, p. 75).

Como o interior das residências de que fala Bourdieu, os túmulos são passíveis de leitura, revelam a ostentação dos muito ricos, mas quase desprovidos de capital cultural, a segurança e credibilidade do próprio nome daqueles de longa linhagem nobre bem provido de capital social, mas de riqueza herdada já decadente, a instrução daqueles que dispõem de pouco capital econômico, mas muito capital cultural, a pobreza dos que não podem se dá ao luxo de comprar um punhado de terra, mas são sepultados a poucos palmos do chão e sem construção acima da sepultura ou uma edificação muito simples.

Mas uma coisa todos os túmulos têm em comum, mesmo aqueles cujos familiares fizeram um esforço para pôr ao menos uma pedra com breves inscrições contendo a data de nascimento e falecimento; todos desejam a perenidade, mesmo que esta seja restrita à memória.

Recebido em: 25 de março de 2018.

Aprovado em: 04 de abril de 2018.

Referências

BORGES, Déborah Rodrigues. **Registro de memória em imagens: usos e funções da fotografia mortuária em contexto familiar na cidade de Bela Vista de Goiás (1920-1960)**. 169p. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, p. 82-121,1983.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo; Porto Alegre: Edusp; Zouk, 2008b.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre: Zouk, 2008b.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CASTELLANO, Mayka. Distinção pelo mau gosto e estética trash: quando adorar o lixo confere status. **Comunicação e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 55.p. 153-174. 2011.

CASTRO, Vanessa de. *Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX*. Recife: FCCR, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 13.ed. Petrópoles: Vozes, 2007. v.1.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.

FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. Rio de Janeiro; Recife: Artenova: IJNPS, 1977.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2006.

MILLS, C. Wright. **A elite do poder**. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MOTTA, Antonio. **À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: Massangana, 2009.

MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitério brasileiros oitocentistas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n 33, p. 55-80. 2010.

PULICI, Carolina Martins. **O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: estudo sociológico da distinção social em São Paulo**. 328f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Vida de corte: a boa sociedade. In: _____. **As barbas do imperador: d. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 101-124, 1998a.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Como ser nobre no Brasil. In: _____. **As barbas do imperador: d. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 159-205, 1998b.

SANTOS, Alcineia Rodrigues do. **O processo de dessacralização da morte e a instalação de cemitérios no Seridó, séculos XIX e XX**. 300.f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

STEYER, Fábio Augusto. Morte, subjetividade e memória: levantamento tipológico dos epitáfios no Cemitério São José – Ponta Grossa – Paraná – Brasil. In: **Evento da associação brasileira de estudos cemiteriais**, 4, 2010, Piracicaba (São Paulo). Anais Piracicaba, 2010.

TIMPANARO. Mirtes. **A morte como memória: imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás**. 246f. Dissertação. (mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. 2.v.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. ◀